



A Estátua da Liberdade

Quem de nós em nossa infância não encarou com admiração a poderosa Estátua da Liberdade, sua tocha ardente iluminando a entrada para um porto internacional, para um Novo Mundo que ainda retinha toda a sua provocante estranheza de conto de fadas para os europeus? Quem de nós em nossa infância não foi atingido por sua grandiosidade ao erguer-se ela acima da linha do horizonte de arranha-céus de Nova Iorque? Quão miseravelmente pequenos e insignificantes pareciam os imensos navios oceânicos nestas imagens, enquanto se evadiam aos pés da orgulhosa e vitoriosa Liberdade!...

Enquanto nosso vapor norueguês *Bergensfjord* escolhia lenta e cuidadosamente o seu caminho por entre a eficiente azáfama de navios de todas as grandes nações do mundo, nós, europeus ingênuos, forçávamos ansiosamente nossos olhos para captar um vislumbre dela, a Estátua da Liberdade prometida a nós [desde a infância].

Então, há um ano, em minha primeira visita à América, a Estátua da Liberdade estava oculta por um denso nevoeiro de outono o qual acobertava dos nossos olhos ingenuamente inquiridores aquele símbolo que outrora fazia os corações de nossos pais e avós europeus bater com triunfante alegria e exultação.

Para mim, a Estátua da Liberdade permanecia encoberta, misteriosa, convidativa, a imagem poderosa da nossa imaginação. Eu a vi pela primeira vez quatro meses e meio mais tarde, depois da minha passagem turbilhonante pelos Estados Unidos... Nesta altura, a América já havia deixado de ser para mim a terra prometida da possibilidade. Durante estes quatro meses e meio, eu havia visto políticos pregando insistentemente em favor do militarismo e o amargo esforço travado pelo proletariado contra o irrestrito capital americano, o poder exercido pela polícia americana e a onipotência dos reis dos cartéis, a corrupção das cortes americanas, o servilismo da imprensa capitalista americana... e a "liberdade" da igreja independente... Agora eu tinha uma imagem clara do aspecto real da América, uma imagem clara da "terra da liberdade", do Novo Mundo descoberto por Colombo e ainda tentando os europeus!

E foi então, estando à bordo do vapor que me levava de volta ao Velho Mundo que eu vi pela primeira vez a Estátua da Liberdade. Era um dia claro e frio de início de primavera. Lentamente, como que não desejoso de trocar a segurança do porto pela tempestuosa incerteza do mar aberto, o mesmo *Bergensfjord* navegou para além da "oitava maravilha do mundo", além da estátua cuja imagem é conhecida por todos.

Agora ela não estava escondida pelo nevoeiro, agora o sol iluminava cada linha de sua imagem de bronze. E mesmo assim eu me recusei a acreditar em meus olhos. Aquela é a Estátua da Liberdade? Tão diminuta, perdida no rumor do porto e enquadrada contra os eminentes arranha-céus dos bancos de Wall Street. Era esta figura impotente e minúscula, encolhida ante os todo-poderosos arranha-céus paquidérmicos, estes guardiões dos negócios financeiros, a Estátua da Liberdade que havíamos retratado para nós mesmos?

Talvez seja a insolência dos políticos e reis do capital, restringindo dia após dia as liberdades conquistadas pelo sangue dos antepassados do moderno Tio Sam, que está forçando a Estátua da Liberdade a se encolher, se enrodilhar de medo e vergonha? Quando você está à mercê do oceano, quando você olha à frente para aventuras fantásticas que parecem ter saído diretamente de um conto medieval... então você está inevitavelmente propenso ao místico, pronto para acreditar num grande milagre, em contos de fada...

Os contornos da cidade, as linhas gigantescas, contorcidas, implacavelmente arremessadas para o alto dos arranha-céus de Nova Iorque, começam a se esfumar. A Estátua da Liberdade há muito havia tornado-se um ponto escassamente visível. Logo desapareceu. Mais um pouquinho e a América começará a perder a realidade para nós, se transformará em uma das imagens da sucessão de memórias da vida.

Foi então que eu compreendi que o Novo Mundo, a Estátua da Liberdade, são simplesmente uma velha e esquecida lenda, um conto de fadas dos tempos pré-capitalistas o qual pode apenas ser remensurado pelas reminiscências de nossos ancestrais.

Para nossos avós e antepassados, o Novo Mundo era verdadeiramente a terra da liberdade. Aqui, o que quer que eles houvessem sido na envelhecida Europa, sentiam-se como filhos e

cidadãos iguais de um país livre. Aqui eles podiam orar ao seu Deus de acordo com seus próprios ritos amados. Aqui eles ainda podiam acreditar que um homem poderia construir sua própria felicidade, riqueza e destino com suas próprias mãos. Aqui a fada do sucesso ainda acenava livremente para terras despovoadas e planícies férteis, para montanhas áridas ocultando ouro.

De volta à velha Europa, o feudalismo ainda não havia retrocedido ante o assalto da privilegiada aristocracia comercial da burguesia, o ar ainda estava carregado de incenso, a sociedade ainda estava dominada pela desigualdade das classes e estratos sociais, e os homens ainda eram oprimidos por preconceitos feios e antigos. É de admirar que nossos avós e bisavós estendessem enlevadamente suas mãos para as praias do Novo Mundo e se curvassem perante o verde-bronze da Estátua da Liberdade?

Mas quão distante está isto agora! Os contos da liberdade americana tornaram-se meras lendas.

A Estátua da Liberdade tem sido suprimida. Os arranha-céus roubaram dela o seu halo, e agora não é mais ela quem paira sobre a baía desta cidade internacional, não é mais ela quem ilumina o caminho para o porto internacional, para o Novo Mundo. Milhões de luzes das janelas dos blocos de escritórios dos arranha-céus de cinquenta andares eclipsam a luz da deusa da Liberdade. Os gigantes cinzentos olham debochadamente sobre as ruas estreitas de Nova Iorque, as quais, congestionadas por homens de negócio e seus empregados, traçam seu caminho mais abaixo como torrentes de cânions entre paredes de penhascos. E são estas sólidas paredes de pedra o refúgio seguro dos reis do capital americano, os quais agora expressam mais completamente o "espírito" que reina sobre o continente de Colombo do que a deplorável e mirrada estátua verde que parece estar constrangida.

Apenas recentemente eu vi a Estátua uma segunda vez, desta vez iluminada pelos raios do sol nascente. E, estranho contar! - desta vez os passageiros não forçaram a vista em busca da Estátua da Liberdade. Era como se o duro e sangrento ano que havia terminado houvesse ensinado uma lição aos europeus que outrora acreditaram tão facilmente numa felicidade a ser encontrada do outro lado do oceano. Não era a Estátua da Liberdade que eles estavam buscando, mas o vapor trazendo as autoridades americanas e representantes do birô de emigração que classificavam os passageiros e despachavam a maioria dos de 3ª classe e talvez também alguns de nós, passageiros da 2ª classe, para a infame "Ilha das Lágrimas".

E, com efeito, o vapor acostou ao lado de nossa casa flutuante... A longa procissão de passageiros de 3ª classe têm de se submeter a um humilhante interrogatório e a uma série de formalidades desagradáveis, e devem depois esperar numa ilha árida até que amigos gentis venham em seu socorro. Pode mesmo ocorrer que passageiros da 3ª classe e algumas vezes mesmo da 2ª classe, sejam removidos sem cerimônias para uma prisão americana até que sua identidade seja confirmada.

Todavia, Deus não permita que algo deste tipo ocorra com passageiros da 1ª classe! Poderia um passageiro de 1ª classe carregando em seu bolso cheques de um banco de Wall Street, ser um estrangeiro mal-vindo na grande república? O tapete vermelho é estendido para o passageiro de 1ª classe, e para ele a Estátua da Liberdade faz a sua tocha apagada resplandecer novamente. Este colega dos reis modernos da república livre receberá tudo o que a Estátua da Liberdade outrora prometia à cada recém-chegado ao Novo Mundo.

Mas quão obscuramente a mesma estátua ilumina o caminho para o Novo Mundo daqueles unicamente capazes de comprar um bilhete de 3ª classe...

E alguém envergonha-se pela Estátua da Liberdade, e lamenta aqueles doces momentos de expectativa um ano atrás quando nós, europeus ingênuos, forçamos nossos olhos para ver na névoa do outono aquela estátua de que nos lembrávamos das nossas ilustrações de criança, que nos ensinou a amar o "Novo Mundo", a amar a terra construída pelo próprio povo, a amar a liberdade política!

(Alexandra Kollontai, 1916)